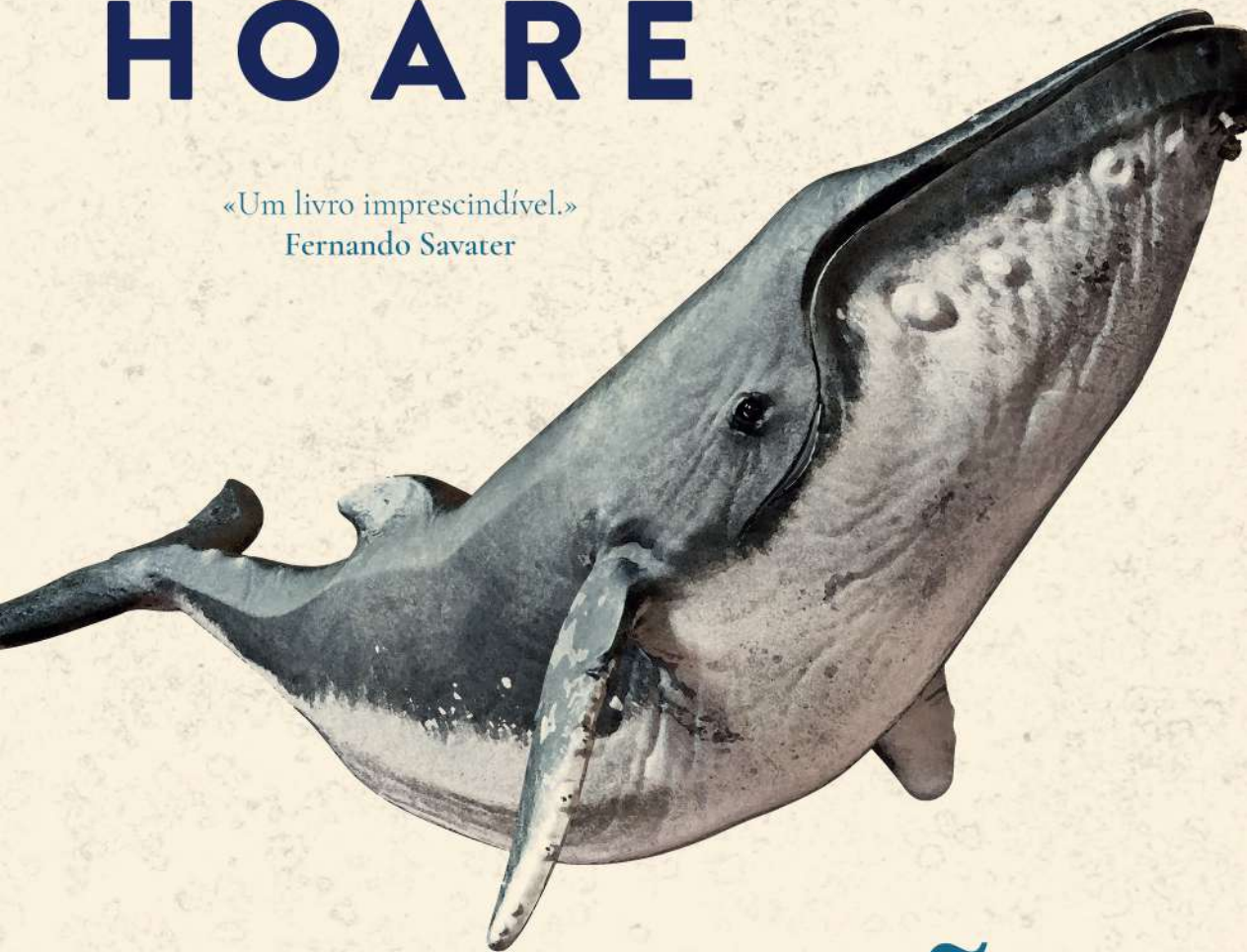


PHILIP HOARE

PRÊMIO BBC
SAMUEL JOHNSON
PARA O MELHOR
LIVRO DE ENSAIO

«Um livro imprescindível.»
Fernando Savater



LEVIATÃ

EM BUSCA DOS GIGANTES DO MAR



cavalo de ferro

ÍNDICE

Prólogo	11
<i>Capítulo I.</i> Mergulhos.....	23
<i>Capítulo II.</i> Viagem sem Regresso.....	49
<i>Capítulo III.</i> O Cachalote.....	71
<i>Capítulo IV.</i> Uma Lei Repugnante	105
<i>Capítulo V.</i> Terras Longínquas.....	117
<i>Capítulo VI.</i> Ordens Seladas	133
<i>Capítulo VII.</i> O Íman Divino	159
<i>Capítulo VIII.</i> Como uma Baleia	189
<i>Capítulo IX.</i> O Uso Correcto das Baleias.....	217
<i>Capítulo X.</i> A Brancura da Baleia	245
<i>Capítulo XI.</i> A Baleia Melancólica.....	277
<i>Capítulo XII.</i> Uma Guerra Fria pela Baleia	305
<i>Capítulo XIII.</i> Observação de Baleias.....	331
<i>Capítulo XIV.</i> Os Confins da Terra	349
<i>Capítulo XV.</i> A Perseguição.....	369
Notas.....	387
Bibliografia.....	393
Agradecimentos	405

PRÓLOGO

*Lançaste-me ao abismo, ao seio dos mares,
e as correntes das águas envolveram-me.
Todas as Vossas vagas e as Vossas ondas passaram por cima de mim.*
Jonas 2:3

Talvez se deva ao facto de eu quase ter nascido debaixo de água.

Cerca de um dia antes de estar programado que a minha mãe me desse à luz, ela e o meu pai visitaram o estaleiro naval de Portsmouth, tendo-lhes sido permitido entrar num submarino. Enquanto descia rumo ao seu interior, a minha mãe começou a sentir as dores de parto. Por um momento, eu parecia estar prestes a vir ao mundo abaixo da linha de água; no entanto foi na nossa vivenda geminada vitoriana, com as campainhas para chamar os criados ainda instaladas e a escada de teca escura que se dobrava sobre si mesma, que nasci.

Sempre tive medo de águas profundas. Até a hora do banho tinha, para mim, os seus terrores (ainda que eu não fosse, de forma alguma, uma criança tímida), quando pensava nas histórias que a minha mãe contava sobre a sua própria infância e sobre o facto de o meu avô ter pintado uma baleia do lado de fora da sua banheira esmaltada. Era uma imagem ligada a outros medos e fascínios infantis, pronta a emergir das profundezas como a lula gigante no filme das *Vinte Mil Léguas Submarinas*, com o seu Nautilus de olhos esbugalhados, os caracóis despenteados e a *t-shirt* rasgada de Kirk Douglas, e os seus mergulhadores futuristas que andavam no fundo do mar como quem passeia ao longo da praia.

Pensava igualmente no meu brinquedo preferido à beira-mar — um mergulhador de plástico cinzento que ficava pendurado na água por um fino tubo vermelho pelo qual se soprava para o fazer subir à superfície, deixando um rasto de pequenas bolhas prateadas — mas



que também me fazia recordar os exploradores do século XIX encerrados nos seus capacetes sem rosto e nos seus fatos-macaco de borracha, e os pés ancorados por botas de chumbo. E, na minha enciclopédia para crianças, lia sobre a batisfera pressurizada, uma cela de ferro semelhante a um pulmão dentro da qual os homens desciam até à Fossa das Marianas, onde peixes-diabo translúcidos atraíam as suas presas com as protuberâncias luminosas suspensas diante das mandíbulas abertas e diabólicas. Eu tinha tanto medo destes monstros que não era

sequer capaz de tocar nas páginas em que as gravuras estavam impressas e tinha de as virar usando apenas os cantos.

A piscina municipal de Southampton, com o seu telhado coberto de verde e janelas de vidro, era um local de exposição pública e tortura semanal aquando das visitas da escola. Recebendo ordem para nos despirmos, revelando a pele de galinha e, nos rapazes mais velhos, os pêlos escuros que despontavam, tremíamos nos calções de banho de tamanho desadequado, enquanto nos erguíamos sobre ladrilhos molhados que, segundo me tinham dito, podiam albergar todo o tipo de doenças. Enchendo a arena ecoante, em cujo tecto o sol fraco de Inverno projectava ondulações trocistas, alinhávamo-nos para mergulhar na zona mais baixa, recebendo ordens do nosso professor de Educação Física, um homem de cabelo hirsuto, com um apito imperial pendurado ao pescoço por um fio, para saltar para a água.

Uma vez dentro de água, o professor ordenava que nos agarrássemos ao corrimão e batéssemos os pés. Com as pontas dos dedos a ficarem azuis, devido ao frio e à força obstinada com que me agarrava, eu originava espuma branca suficiente para parecer proporcional ao esforço, embora se tratasse, na verdade, de uma tentativa de disfarçar a minha inaptidão. Em seguida pegávamos numa bóia de poliéster, que se esboroava nas pontas

como pão seco, e recebíamos instruções para nos lançarmos para o lado oposto. O lado mais distante era, para mim, tão inalcançável quanto a Austrália e a recompensa pelo nosso sucesso — um pedaço de trancelim que cosíamos aos calções —, um troféu que tinha tantas probabilidades de ganhar quanto uma medalha olímpica.

Nunca aprendi a nadar. As instruções vociferadas e o medo de submergir até ao fundo ladrilhado da piscina, aliados aos rebocos que fediam a velho e às bolas de pêlo, combinavam-se para criar em mim uma ansiedade inultrapassável. Por uma qualquer razão, associava a natação não a uma sensação de prazer, mas a colégios, hospitais, alistamento e guerra, ao recebimento de ordens para fazer coisas que não queria realizar. Na praia, desculpava-me quando os meus amigos corriam para o mar, fingindo estar constipado. Durante a minha infância e os anos da adolescência, vivi com este problema; até acabei por celebrá-lo, perversamente, como uma força.

Só mais tarde, ao viver sozinho em Londres, quando já tinha vinte e tais anos, decidi ensinar-me a nadar. Na gelada piscina de East End, construída no período entre as duas guerras, descobri que a água era capaz de suportar o meu corpo. Compreendi o que tinha perdido até àquele momento: a minha própria flutuabilidade. Não era uma questão de exercício: era antes a ideia de perder o pé, de permitir que outra coisa fosse responsável pela minha presença física no mundo; ser parte dele e estar separado dele ao mesmo tempo. De certa forma, tratava-se de uma reinvenção consciente, de uma maneira de enfrentar os meus medos.

Para o poeta Algernon Swinburne, o mar era um desejo carnal, um vício que revelou no seu único romance, *Lesbia Brandon*, que se desenrola na sua casa de infância na costa sul da ilha de Wight, com os seus dramáticos penhascos rochosos sobranceiros às águas do Canal da Mancha. No livro — publicado apenas em 1950, quarenta anos depois da morte de Swinburne —, o seu jovem herói, Herbert, aprende a amar a água: «todos os sons do mar ressoavam através dele, todos os seus ares e luzes respiravam e brilhavam sobre ele; sentia-se enjoado em terra quando se afastava do mar e duas vezes mais vivo quando estava junto do mesmo». Desafiava, inclusivamente, as ondas «como um jovem animal marinho [...] encostava-se aos seus seios, macios e ferozes, e lutava pelos seus abraços afiados; engalfinhava-se com elas como um amante com o seu amante».

Swinburne, filho de um almirante, tinha uma praia pitoresca a partir da qual nadar; eu cresci num subúrbio do outro lado do Solent — uma zona de docas, gruas e estaleiros, perto das quais trabalhava o meu pai, numa fábrica de cablagem, testando os enormes cabos de telecomunicações isolados que corriam ao longo do fundo do Atlântico, como que prendendo a Inglaterra à América. A partir do meu pequeno quarto nas traseiras da casa, podia ouvir as sirenes dos navios nas manhãs de nevoeiro; à noite, dragadores, com os seus sons metálicos, abriam caminho até aos enormes transatlânticos e aos navios porta-contentores que bordejam o estuário de Southampton. Aqui, o mar representa o comércio, mais do que o recreio. Um porto é um local de agitação, um local de trânsito, mais do que um local em si mesmo. Aqui tudo está voltado para a água — até a zona onde eu vivia, Sholing, era uma corrupção de «Shore Land»¹ — no entanto, e ao mesmo tempo, a cidade parecia ignorá-la, como se ela e o elemento que é a razão da sua existência fossem duas entidades completamente distintas.

Agora penso na água de forma diferente. Sempre que posso, nado no mar. Sinto-me claustrofóbico quando estou longe da água; de Verão e de Inverno, planeio o meu tempo em redor das marés. Sentando-me na praia cheia de seixos, observo os *ferries* que passam uns pelos outros, unindo por breves instantes a suas superestruturas antes de se afastarem outra vez, presos entre o algures e o nenhures. Abrindo caminho através das mesmas águas que tanto entusiasmaram o poeta ruivo e que sustentaram o seu corpo pálido e sardento, deito-me de costas, ao mesmo nível que a terra, deixando que as ondas me cubram como uma manta. Sem impedimentos, sem testemunhas, nas águas quentes do final de Agosto ou nos mares gelados e duros de Dezembro, bóio, fico suspenso, observando o mundo a afastar-se, juntamente com a minha roupa abandonada na praia.

Por vezes, sinto que algo gelatinoso me toca ao de leve na perna — um dos chocos tão frequentemente lançados para a margem, a carne sarapintada, os bicos duros de papagaio e os braços viscosos a apodrecer, revelando o osso branco como giz no centro. Por vezes, sinto uma picada aguçada depois de um encontro com uma alforreca invisível. No entanto, avanço até onde não tenho pé, onde ninguém me pode encontrar, onde as andorinhas do mar mergulham e os corvos-marinheiros flutuam e onde não sei o que está por baixo. Sonho com os corpos submersos, velados mas animados, como a mulher afogada no lago em

A *Sombra do Caçador*², ou o tubarão que me pareceu ver, certa vez, numa enseada na Cornualha, do cimo de um penhasco. A forma como a água revela e simultaneamente esconde ainda me perturba. Ela é uma amante enganadora e impiedosa.

Considerai a subtilidade do mar e como as mais temíveis criaturas deslizam sob as águas, invisíveis para quase todos e traiçoeiramente ocultas sob as mais belas tonalidades do azul.

«Brit», *Moby Dick*³

As cidades e as civilizações erguem-se e caem, mas o mar é sempre o mar. «Não associamos a ideia de antiguidade ao oceano, nem nos perguntamos qual seria o seu aspecto há mil anos, como tantas vezes fazemos relativamente à terra, porque o oceano sempre foi igualmente selvagem e insondável», escreveu o filósofo Henry David Thoreau. «O oceano é um espaço selvagem que dá a volta ao globo, mais selvagem do que uma selva de Bengala, mais cheio de monstros, embatendo contra os molhes das nossas cidades e os jardins das nossas residências à beira-mar.»

O mar é o grande desconhecido, o último local verdadeiramente selvagem, ocupando mais de três quartos da Terra. Os seus organismos mais pequenos sustentam-nos, fornecendo-nos metade do oxigénio que inspiramos. As suas marés e costas determinam os nossos movimentos e as nossas fronteiras mais do que quaisquer tratados ou governos. No entanto, enquanto voamos distraidamente sobre a sua vastidão, consideramo-lo apenas como uma distância a ser ultrapassada. Na nossa arrogância, acreditamos que domámos os oceanos, tanto quanto conquistámos a terra.

*[...] o homem perdeu o sentimento de terror que o mar lhe proporcionava.
[...] Sim, estúpidos mortais, o dilúvio de Noé ainda não secou; continua a cobrir dois terços deste nosso mundo.*

«Brit», *Moby Dick*

A partir do momento em que o vemos, não conseguimos esquecê-lo, tal como quem nunca o viu é incapaz de descrevê-lo. O mar está sempre presente na minha mente, é a forma pela qual me oriento na terra — mesmo em *Red Cloud*, no Nebraska, onde cheguei a fazer fila, numa

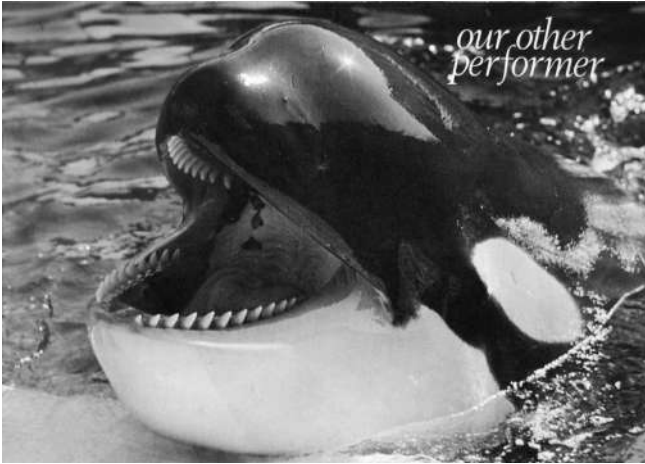
tarde quente, para nadar numa piscina pública, um grande buraco azul no meio das Great Plains. Nunca estivera tão longe do oceano e, todavia, isso não deixava de mo recordar. A absoluta ausência do mar tornava a sua existência ainda mais poderosa.

Para quem a observa distraidamente, a água pode parecer igual de um dia para o outro, mas, se a examinarmos com atenção, esta revela-nos a sua natureza teatral, composta por milhões de quadros e gestos dramáticos, que se desenrolam junto à costa ou em mar aberto. É um espectáculo natural capaz de se erguer a dezenas de metros de altura ou de se manter tão baixo quanto um lago calmo, tão espelhado que quase parece não existir, unindo ininterruptamente a terra ao céu. Erguendo-se em ondas e subindo, renovando-se e perpetuando-se a si mesmo, pode tirar com a mesma facilidade com que dá. É tão punitivo quanto generoso. Por vezes parece ser, em si mesmo, uma criatura viva, um organismo que tudo devora e através do qual o mundo existe, no entanto vemos tão pouco dele, enquanto nos dedicamos às nossas vidas quotidianas; um fugaz vislumbre a partir do carro ou de um avião, fracções infinitesimais do todo, meros grãos de areia. E enquanto me demoro no molhe, apoiado preguiçosamente no selim da minha bicicleta, fitando as águas, calmas e cinzentas numa tarde de Outono, torna-se ainda mais improvável imaginar que a sua superfície inefável e silenciosa foi outrora rasgada por criaturas gigantescas.

No estuário de Southampton, têm sido capturadas baleias e orcas, e, naturalmente, nessas raras ocasiões, têm sido organizados os normais espectáculos para os turistas. Pequenos cardumes de botos penetram frequentemente no estuário, e os visitantes dos municípios do interior podem ficar alegremente surpreendidos, enquanto percorrem os cais e a plataforma, por ver, a curta distância da costa, muitos destes peixes singulares a rebolar e a saltar sobre a superfície da água, desaparecendo em seguida e voltando a emergir num outro local, para retomarem as suas divertidas cabriolas.

Philip Brannon, *The Picture of Southampton*, 1850

No início dos anos 70, fizemos um passeio em família ao Windsor Safari Park, cuja principal atracção era uma baleia assassina. A minha irmã mais nova, ainda mais apaixonada por baleias do que eu nessa altura, comprou uma pequena brochura colorida com o título algo apologético de



*Os golfinhos podem ser fascinantes
em Windsor Safari Park*

Na capa trazia um *Flipper* sorridente; na parte de trás um anúncio aos cigarros *Embassy Regal* que, segundo nos informavam, eram de «valor excepcional».

«Divertir-se-á e ficará encantado», prosseguia o folheto, «com alguns factos e números que poderão alargar o seu conhecimento e aumentar a sua satisfação com o espectáculo apresentado. Talvez queira tirar as suas próprias fotografias — tire quantas quiser!»

Depois de exhibir fotografias de animais refastelados na piscina, quais participantes em concursos de beleza, ou a saltar no ar, como acrobatas, surgia no programa um novo actor:

«Cresce a uma velocidade de trinta centímetros por ano», lemos — um facto que suscitava consequências inevitáveis, quando olhávamos para a gigantesca piscina à nossa frente —, «e com apenas quatro anos e meio, mede 4,87 metros, pesa uma tonelada e come entre quarenta e quarenta e cinco quilos de arenque por dia.»

Foi especialmente capturado para o Windsor Safari Park, ao largo da costa da América do Norte, em 1970, voou até Londres num Boeing 707, numa caixa especial que permitia que fosse constantemente borrifado com água, mantendo-o calmo e fresco. Por fim, de camião e grua, chegou à piscina de treino dos golfinhos e, depois de um curto período de tempo, estava pronto para começar o seu programa de treino.

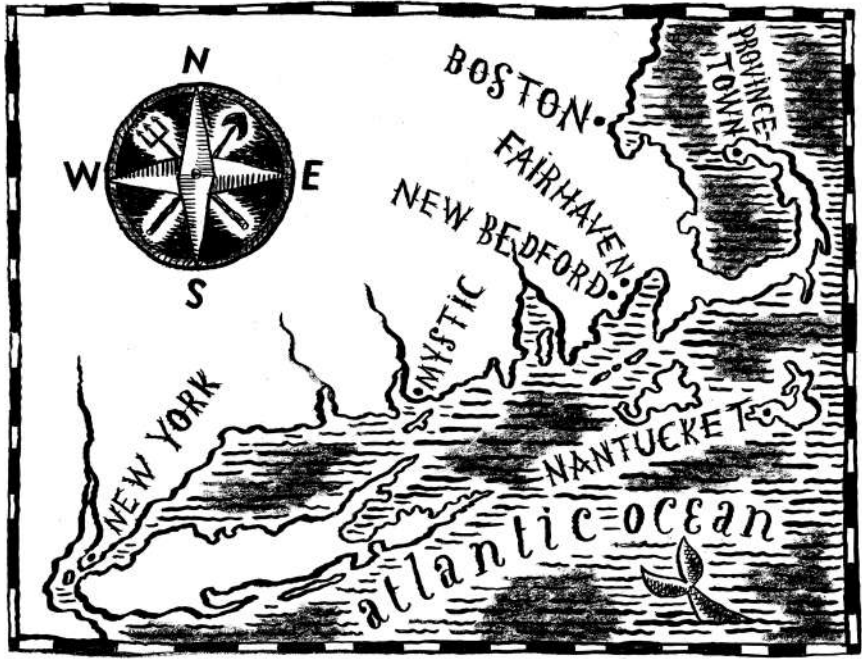
Só mais tarde descobriria que as baleias capturadas se recusam a comer e são alimentadas à força até que o façam por si. Na altura, estava mais preocupado com o espectáculo que encontrava prestes a desenrolar-se diante dos meus olhos.

Não me lembro como é que *Ramu* fez a sua entrada (embora as minhas irmãs se lembrem); mas quando apareceu, esta criatura esguia e poderosa, de manchas pretas e brancas, a sua pele brilhante parecia ter sido branqueada pelo cloro que mantinha a piscina azul-turquesa; uma fraca e trocista imitação do oceano tão distante daquela prisão zoológica.

A baleia realizou o seu espectáculo, respondendo às ordens do treinador como um cãozinho. Quando saltou no ar e aterrou com um chape — ensopando o público que rodeava, encantado, a arena daquele circo da orca — foi como se tivesse sido vencida pelo seu cativo, tal como a sua orgulhosa barbatana dorsal caía impotente sobre as costas.

«Aqui, na sua piscina de Windsor», garantia-nos a brochura, os artistas «deverão sobreviver muito mais anos do que no mar, para encanto e divertimento dos nossos visitantes.» Passados dois anos, *Ramu* tinha-se tornado demasiado grande para o seu aquário. Em 1976 foi vendido ao Seaworld de San Diego, onde foi rebaptizado com o nome de *Winston*, gerou quatro crias e morreu, passados dez anos, de insuficiência cardíaca — uma das mais de duzentas baleias assassinas a perecer em cativeiro no último quarto do século xx.

Regressado a casa, desenhei uma imagem da orca no meu diário, brilhante e impecável. Contudo existiam já outras entradas no meu caderno, novas paixões. Esqueci as baleias e pensei noutras coisas.



I

MERGULHOS

*Um dos primeiros motivos foi a prodigiosa imagem da própria baleia.
Esse monstro, tão portentoso e enigmático, despertava a minha curiosidade.*

«Miragens», *Moby Dick*

Era a minha primeira visita à América. Decorria o mês de Janeiro e eu não conhecia ninguém em Nova Iorque. Ventos gelados sopravam ao longo dos desfiladeiros de arranha-céus do centro da cidade. Sentindo-me perdido e com saudades de casa, apanhei o metro até ao final da linha. No exterior da estação, em Coney Island, erguiam-se silhuetas de estranhas formas, versões esqueléticas da linha do horizonte de Manhattan que eu tinha deixado para trás: uma montanha-russa sinuosa, hibernante, e um outro instrumento de divertimento que parecia um gigantesco utensílio médico utilizado por ginecologistas. Encontrei o caminho para o aquário e vagueei pelo seu interior vazio, estremecendo ao passar pelos tanques repletos de peixes. Havia algo patético neste local fora da época alta, uma sensação de abandono que soprava do passadiço vazio e do mar suburbano.

Nas paredes brancas abria-se uma janela de observação, suficientemente espessa para suportar toneladas de água. Fazia-me lembrar as portinholas da piscina municipal de Southampton contra cujo vidro as crianças encostavam a pele macilenta; mas este vidro turvo revelava algo muitíssimo mais espectral. Acenando à janela, vertical e completamente esticada, como se se tivesse levantado para me saudar, estava uma beluga. Devia ter uns três metros e meio de comprimento, da cabeça bulbosa à cauda atarracada; um gigantesco bebé fantasmagórico que fixava em mim o seu olhar.



Por muito deslocada que parecesse, estabaleianova-iorquina tinha um precedente histórico. Em 1861, Phineas T. Barnum importara um casal de belugas para o seu Museu Americano na Broadway. Capturadas nas águas de Labrador e trazidas para sul em caixas hermeticamente seladas revestidas de algas, as baleias tinham 7,0 metros e 5,4 metros, respectivamente. O seu tanque subterrâneo media 17,6 por 7,6 metros, mas apresentava apenas cerca de dois metros de profundidade e estava cheio de água doce. No seu interior, nadavam como amantes, embora até mesmo

o seu proprietário acreditasse que as suas carreiras seriam breves. «Eis uma verdadeira “sensação”», maravilhava-se o *New York Tribune*, imaginando que «a iniciativa do Sr. Barnum não se ficará pelas baleias brancas, abraçará cachalotes e sereias, e todas as coisas estranhas que nadam, voam ou se arrastam, até que o museu se transforme num vasto microcosmos da criação humana.»

Este fascínio pelas baleias, como no caso do relatório de Philip Brannon sobre o estuário de Southampton, era uma expressão da moda vitoriana, um característico casamento entre o engenho científico e a curiosidade humana. Em Inglaterra, foram entregues baleias vivas nos aquários de Manchester e Blackpool (embora um espectáculo de botos tenha sido encerrado, por medo de que as actividades flagrantes dos seus artistas ofendessem os temperamentos refinados) e, em Setembro de 1877, chegou uma beluga a Westminster, no centro da maior cidade do mundo. O espécimen de 2,89 metros tinha sido capturado — juntamente com outros dez — na costa de Labrador, onde tinha ficado encailhado durante a maré alta, sendo apanhado à rede por Zack Coup e os seus homens. A partir daí iniciou a sua longa viagem até Londres.

Transportada numa caixa estreita, de chalupa, até Montreal, a baleia foi colocada num comboio que a levou para Nova Iorque — uma viagem de duas semanas. O animal passou sete meses no Aquário de Verão de

Coney Island onde «desenvolveu o hábito de nadar em círculos», antes de ser retirada do seu tanque e colocada a bordo de um navio a vapor da North German Lloyd, o *Oder*, com destino a Southampton. Durante a viagem, foi mantida no convés, numa rude caixa de madeira forrada com algas marinhas, sendo molhada com água salgada a cada três minutos. Apesar de todos estes cuidados intensivos, a baleia depercia e já começara a consumir as reservas da sua própria gordura.

Em Southampton, a beluga foi transferida para o South Western Railway, viajando em vagão aberto até à estação de Waterloo e ao seu derradeiro destino, um tanque de ferro com doze metros de comprimento, seis metros de largura e 1,80 metros de profundidade, no Royal Aquarium, uma grandiosa estrutura gótica recentemente construída em frente às Casas do Parlamento. A baleia esperou enquanto decorriam as duas horas que o tanque demorou a encher. «Deixou-se ficar, imóvel, na sua caixa, respirando uma vez a cada 23 segundos. Bateu debilmente com a cauda quando sentiu que moviam a caixa. Caiu dela de lado, para dentro de água e afundou-se como se fosse feita de chumbo.» Foram concedidas ao animal três horas de privacidade, antes de ser permitido aos visitantes, «em grande número», o acesso a uma tribuna especialmente construída para o efeito.

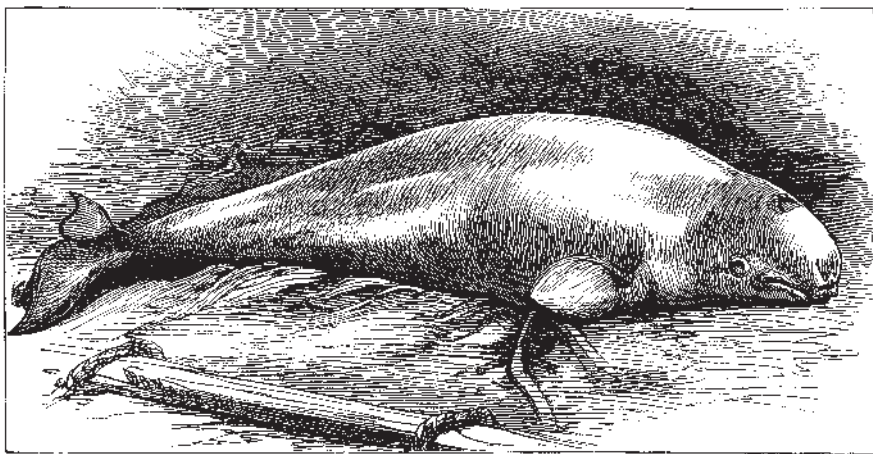
Para o *The Times* aquela não parecia ser a forma correcta de tratar uma baleia. «Não é provável que ela viva muito tempo em água doce, embora venha à superfície para respirar em intervalos de 10 a 100 segundos e, por vezes, lance água através da grande narina que tem no meio da testa. O ruído e a trepidação provocados pelos trabalhadores fazem, por vezes, com que ela fique debaixo de água durante dois minutos de cada vez.» A beluga era alimentada com enguias vivas, mas era notório que a alta bossa dorsal, «que devia estar arredondada de gordura», se erguia «escarpadamente nas suas costas».

«Caso sucumba às desfavoráveis condições de vida nesta cidade, não será extraída deste monstro qualquer barba de baleia», acrescentava o jornal, «Nem é a baleia branca muito rica em gordura. Mas com a sua pele far-se-ão botas de pele de boto.»

As suspeitas do *The Times* estavam correctas, ainda que o jornal lhe tenha atribuído o género errado. Aparentando um comportamento delirante, a baleia — que era, na verdade, uma fêmea — nadou para um lado e para o outro do tanque, velozmente, batendo com a cabeça

contra a parede. Depois, «tendo recuperado um pouco, voltou a nadar várias vezes em redor do tanque, voltou a colidir com a extremidade do tanque, virou-se e morreu.»

A indignidade não estava, contudo, terminada, pois o corpo foi retirado do tanque e exibido ao público no dia seguinte. Foi feito um molde em gesso e realizada uma necropsia por eminentes naturalistas e físicos. Descobriram que, longe de estar faminta, a baleia tinha o estômago cheio — mas os pulmões encontravam-se muitíssimo congestionados. O animal tinha sido mantido no convés aberto, durante toda a viagem através do Atlântico, e, em vez de o manter vivo, o facto de ser regularmente molhado teve como resultado uma rápida evaporação entre aspersões, o que fez com que este se constipasse.



A baleia morta no royal aquarium.

A morte pública da baleia de Westminster suscitou a troca de correspondência entre pessoas de elevada posição. O bispo Claughton de St. Albans, um poeta por direito próprio, queixava-se de que se tratava «da criatura de que o salmista fala como tendo sido colocada no seu elemento pelo Grande Criador» e o homem não tinha o direito de a retirar dele. William Flower do Royal College of Surgeons — que se tornaria, mais tarde, o primeiro director do Museu de História Natural — tinha assistido à necropsia e contrapunha que as «supostas marcas de maus-tratos» que o seu corpo exibia «eram consequência de as enguias presentes no tanque lhe terem, depois da sua morte, mordiscado as barbatanas». O professor

Flower alegava que todo o processo era justificado pelas «vantagens para o conhecimento científico e geral que assim se podem alcançar.» Por outro lado, a sua própria instituição tinha beneficiado com a doação dos órgãos internos, que permitiriam «estudos muito interessantes».

Em Nova Iorque, as baleias de Barnum tiveram o destino previsto. Vítimas de condições igualmente desadequadas, como peixes de feira levados para casa em sacos de plástico, também elas morreram ao fim de poucos dias, sendo substituídas por espécimes sucessivos até um incêndio ter destruído o museu em 1865. Foram realizadas várias tentativas vãs para salvar a última beluga, até um bombeiro compassivo ter partido o tanque com um gancho, «De tal forma que a baleia só foi assada até à morte, em vez de passar pelo sofrimento de ser cozida.»

Confrontado com este cativo moderno em Coney Island, senti uma mescla de fascínio e pena. Achando-se tão deslocado quanto um tigre num apartamento de Manhattan, o animal deveria estar a nadar nas vastas águas do Ártico. Em vez disso, a sua pura pele branca encontrava-se manchada devido à sua captura cívica, como se as algas verdes que cobriam o vidro prismático também a tivessem contaminado. Estava apalermada pelo silêncio daquela tarde e de todas as tardes que se estendiam à sua frente. A beluga é a mais vocálica de todas as baleias, conhecida entre os marinheiros como o canário dos mares; e ali estava ela enjaulada como qualquer outra ave canora. Enquanto ali pairava esta reclusa amortalhada, aprisionada pelos crimes de outrem, atrevi-me a tocar-lhe através do vidro espesso, como se pudéssemos transmitir algo um ao outro. Esperei que erguesse uma barbatana. Mas ela não o fez, por isso voltei-lhe as costas, incapaz de continuar a suportar o seu olhar.

Depois de viver tantos anos em Londres, a cidade tinha começado a exercer a sua pressão sobre mim. Sentia, por vezes, que o céu era o mar e que nós, os cidadãos, não passávamos de criaturas oriundas dos fundos oceânicos, aí mantidas pela sua grande pressão, enquanto nos movíamos por entre as cavernas e rochedos das ruas. Vivia nos



limites da City⁴, com vista para as Docklands⁵; ao longo dos anos, fui assistindo à multiplicação dos arranha-céus, erguendo-se do barro de Londres como estalagmites de cristal numa experiência de escola com um frasco de doce. À noite, sonhava que o quarteirão de torres onde vivia era rodeado pelas águas, inundado pelo aguardado dilúvio; que a partir do meu ninho no nono andar poderia ver as baleias e os tubarões a nadar, em círculos, lá em baixo. Noutros sonhos, via um porto de molhes de pedra e uma enorme quantidade de animais marinhos presos no seu interior, torcendo-se e contorcendo-se para escapar.

Um local que tinha representado todas as minhas aspirações de juventude transmitia-me, agora, a mesma sensação de uma infecção viral; e embora, como uma dose de malária, nunca me tivesse conseguido livrar dela, estava, de forma gradual e constante, a abandonar a minha velha vida. Com a morte do meu pai, a minha mãe ficou a viver sozinha, e eu dei por mim a passar mais tempo no sul. Era uma espécie de consolo pelo sofrimento e pela perda, pelo corte de outros laços emocionais. Sentia-me à deriva, sem âncora — no entanto, experimentava também uma espécie de convergência, de simetria. Era o conforto do antigo, mas visto com novos olhos.

Substituí a vista sem árvores do meu apartamento no nono andar por visitas diárias à costa; os ângulos afiados da cidade pelo verde e azul ilimitados; os assediantes pombos picados pelas pulgas por ostra-ceiros pretos e brancos que debicavam ao longo da praia na maré baixa. Os meus olhos espriavam-se com o alívio que sentimos quando olhamos para o horizonte a partir da janela de um comboio, em vez de nos fixarmos nas imagens reduzidas a partir das ruas. Em vez de apanhar do chão moedas de cêntimo, em gestos supersticiosos, passava as praias a pente fino em busca de pedras com buracos que, garantidamente, manteriam as bruxas ao longe, criando avalanches em miniatura, quando as acumulava sobre a cómoda em minha casa. E deixava-me ficar de pé, a olhar para o mar, observando os navios transatlânticos que por ali passavam como barcos de Fitzgerald incessantemente puxados de volta ao passado, à espera de um futuro que poderá nunca chegar⁶, como o homem que veio do espaço⁷. Por muito reconfortante que a água fosse, por vezes servia apenas para me deixar inquieto no meu exílio suburbano.

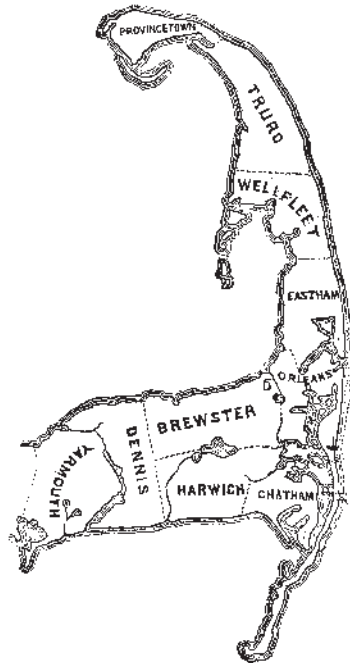
Cinco anos depois da minha primeira visita à América, apanhei um comboio para Boston, partindo da Penn Station de Nova Iorque. Tendo

comprado um mapa de Nova Inglaterra num quiosque, comecei a traçar a minha rota ao longo da costa. O nome em si — *Nova Inglaterra* — parecia romântico e otimista, e simultaneamente estranho e familiar. Os nomes impressos no mapa evocavam o país que eu tinha deixado para trás — Manchester, Norwich, Warwick —, à medida que Manhattan dava lugar ao sol forte, às praias vastas e às famílias que faziam piqueniques, aparentemente inconscientes da presença do comboio que passava por elas velozmente. No final da linha, desci até ao porto e subi a bordo de um *ferry*, vendo Boston desaparecer numa sequência de pequenas ilhas, ao som de um sino preso a uma bóia.

Mais carregada de hinos fúnebres pelo passado do que de avisos para o futuro; e ninguém a poderá nunca ouvir sem pensar nos marinheiros que dormem sob ela, nas profundezas.

À minha frente estendiam-se quilómetros e quilómetros de mar. Eu não sabia o que me aguardava quando cheguei ao outro lado, mas enquanto o barco entrava na doca, todos pareciam saber para onde iam. Por isso, segui-os até Provincetown.

Cape Cod enrosca-se no Atlântico como a cauda de um escorpião. Trata-se de uma terra nova, esculpida por glaciares com um quilómetro e meio de espessura há apenas quinze mil anos. As suas costas internas são ainda mais recentes, compostas por areia transportada a partir do lado mais distante do cabo, uma ampuheta que acrescenta ao mesmo tempo que retira. Este é também o cemitério do Atlântico. As suas praias são testemunhas do desaire: navios inteiros naufragados enterrados nos areais, os seus mastros erguendo-se das dunas, juntamente com mãos humanas. Marconi, que estabeleceu a sua estação de rádio nesta mesma costa, uma floresta de antenas por entre o estorno, achava que seria capaz de sintonizar as vozes dos homens afogados que ainda pairavam no éter.



Cape Cod não é tanto o fim da terra quanto o início do mar. Para Thoreau, que por ali andou há cento e cinquenta anos, era um local onde «tudo parecia deslizar suavemente para o futuro». «Um homem pode erguer-se ali e puxar toda a América atrás de si», escreveu; mas também foi ali que a América começou. Há quatro séculos, os Pais Peregrinos fizeram o seu primeiro desembarque neste cordão litoral arenoso e não em Plymouth Rock — tal como partiram inicialmente de Southampton e não de Plymouth em Devon. Na sua busca pela utopia, os exilados encontraram, antes, uma «terra selvagem, hedionda e desolada». Mal sabiam eles que os habitantes nativos tinham vivido no cabo durante milénios.

Ao fim de um mês a arrastarem-se pelas suas areias, os Peregrinos rejeitaram Cape Cod, considerando-o adequado apenas para peixes e ateus. Provincetown transformou-se numa colónia proscrita, fora da sua influência puritana, uma reputação traduzida na sua alcunha: Cidade Infernal. Presa da pirataria, da guerra e da revolução, no final do século XVIII existia apenas uma mão-cheia de casas. No entanto, em breve este porto irreverente, quase ilegítimo, encontraria a sua grande prosperidade — uma prosperidade que ficaria a dever-se às baleias.

Os Peregrinos tinham lamentado a sua falta de armamento quando se aperceberam da quantidade de baleias de dorsos largos e movimentos lentos existentes na baía de Cape Cod. Parecia que os animais ancoravam nela. Havia centenas «a brincar mesmo ao nosso lado, com as quais, se tivéssemos os instrumentos e os meios necessários para as capturar, teríamos obtido um rico lucro.» Ao contrário dos índios, que caçavam baleias para o seu sustento, os europeus procuravam obter lucro com tais animais e assim tinha sido desde que os bascos navegaram até Labrador.

Quando o *Mayflower* zarpou, já outros navios tinham deixado os portos holandeses para levarem a cabo a baleação comercial no Ártico. Dois elementos da tripulação do *Mayflower* tinham baleado na costa da Gronelândia e calcularam que, na baía de Cape Cod, poderiam ter ganho cerca de 4000 libras com as baleias. De facto, foram as baleias que levaram os Peregrinos a considerar, inicialmente, Provincetown para estabelecer a sua colónia e, como registou Cotton Mather⁸, o óleo de baleia tornar-se-ia a principal mercadoria da sua colónia. O próprio *Mayflower* foi aproveitado como baleeiro, navegando pela baía a partir de Plymouth.

Também Provincetown se dedicou à baleação. Em 1737, doze navios baleeiros deixaram o porto, com destino aos estreitos de Davis. Em 1846,

Provincetown era lar de dezenas de embarcações. Famílias como os Cooks, que possuíam oito casas enfileiradas no lado oriental da cidade, podiam olhar para os seus navios, amarrados à parte da frente das suas propriedades, como se olhassem para carros modernos estacionados nos acessos às suas residências. O edifício onde existe, hoje, uma moderna charcutaria foi, outrora, o armazém de velas e cera dos Cooks. Não muito longe ficava o ferreiro, onde eram forjados os arpões e as lanças, enquanto uma placa azul pregada numa outra parede celebra «David C. Stull, o Rei do Âmbar Cinzento». Mais tarde, os açorianos e os portugueses vieram trabalhar no grande comércio de bacalhau salgado da cidade. Os seus descendentes ainda aí vivem, encarnados em nomes como Avellar, Costa, Oliveira e Motta, e na Bênção Anual da Frota, quando os seus barcos pesqueiros são adornados de velas, uma estátua vestida de S. Pedro é transportada até ao porto.

No final do século XIX vieram novos visitantes, o «povo do Verão», proveniente de Boston e Nova Iorque em navios a vapor, entre eles artistas e escritores. Estes sentiam-se atraídos pela límpida luz que ressalta da península como dos reflectores de fotografia, mas também pela sua lon-



jura. Provincetown continuava a ser um local periclitante, senão mesmo perigoso. O temporal que atingiu Portland em 1898 causou o afogamento de quinhentas pessoas e demoliu muitos desembarcadouros. As casas do cordão litoral arenoso de Long Point, arruinadas por décadas de tempestades, foram colocadas, inteiras, sobre jangadas feitas com os cascos dos navios naufragados e transportadas através da baía em busca

de abrigo em costas mais calmas. Como escreveu a jornalista radical Mary Heaton Vorse, «os habitantes de Provincetown passam tanto do seu tempo no mar que olham para as suas casas como uma espécie de navio em terra ou uma espécie de casa-barco e, como tal, não sujeita às leis das casas».

De forma gradual e relutante, a cidade foi domada. Foram instalados esgotos, feitos passeios e as estradas permitiram o acesso ao que era, na verdade, uma ilha. «De facto, para um habitante do interior, a paisagem do cabo é uma miragem constante», escrevia Thoreau. As suas areias juntam-se e deslizam enquanto a cidade se torce e contorce sobre si mesma, fazendo com que nunca se tenha a certeza para que lado é o sul e para que lado é o oeste. Este continua a ser um local à parte, uma prega no mapa; não tanto uma parte da América quanto à parte dela. No Verão, balbucia de vida, a sua única rua movimentada a fervilhar de famílias domingueiras e *drag queens*, antes de se desvanecer nos limites da cidade, outrora assinalados pela mandíbula de uma baleia espetada no chão e, hoje em dia, pela oficina do Josh e por um conjunto disperso de barracas de praia saídas de um quadro de Edward Hopper. E, no oceano, o clamor diminui como um último acorde, sendo substituído pelo sobe e desce do mar.

Só na véspera do dia em que devia deixar Provincetown é que saí pela primeira vez para ver as baleias. Lembro-me do frio que se fazia sentir, quando o barco deixou a baía, o calor de terra dando lugar a uma gélida



brisa marítima. Enquanto zarpávamos do porto, o naturalista que nos acompanhava descreveu a geografia de Stellwagen Bank, enquanto este passava por baixo de nós. Explicava que os pescadores tinham recuperado ossos de mastodonte do fundo do mar, que aquelas eram das águas mais férteis do planeta e que eram atravessadas pelas mais movimentadas rotas marítimas do Atlântico. Num quadro atrás de si, apontou para os animais que poderíamos ver. Olhei para as suas formas improváveis no panfleto que tinha distribuído. Pareciam-me tão irreais quanto os dinossáurios que tinha memorizado a partir dos livros da minha biblioteca quando era rapaz.

Depois alguém gritou,

Baleia!

E, à meia distância, uma gigantesca forma cinzenta-escuro deslizou para fora de água e de súbito voltou a mergulhar. Em menos de um instante vimo-nos circundados por baleias, que reboavam nas ondas e expeliam ruidosamente pelas suas narinas. A poucos metros de distân-



cia, uma jovem baleia-corcunda lançou-se das águas, exibindo a sua barbiga branca, sulcada como uma concha gigante feita de borracha. Era um grande plano *jump-cut* de algo impossível: uma baleia a voar.

Esquecendo as crianças que me rodeavam, balbuciei um involuntário «foda-se!» Outras baleias lançavam as suas caudas no ar e batiam com as barbatanas como se fizessem sinais umas às outras, ou a nós. Enquanto observava, foram aparecendo cada vez mais animais, como se tivessem sido chamados por um mestre de circo invisível. Fiquei impressionado

com a mestria exuberante dos seus próprios corpos e o elemento em que se moviam tão elegantemente. Invejei-lhes o facto de estarem sempre a nadar, de serem sempre livres.

Todos os verões, as baleias-corcundas visitam o Golfo do Maine. Durante seis meses jejuam e acasalam nas quentes, mas estéreis águas das Caraíbas, amamentando as suas crias com um leite tão rico que parece requeijão, até chegar a altura de realizarem a sua peregrinação anual para norte. Esta é a maior migração realizada por qualquer mamífero. Seguindo as rotas de colonização definidas pelos seus antepassados há milhões de anos, navegando ao longo de até treze mil quilómetros de oceano com o auxílio de sinais ancestrais e invisíveis, chegam à costa nordeste, onde a quente corrente do Golfo se cruza com as frias correntes de Labrador e, juntas, levantam os nutrientes do fundo do oceano num processo chamado efusão.

Aqui, nas águas cinzento-esverdeadas é posta em movimento uma vasta corrente alimentar. As baleias engordam, alimentando-se de sandilhos e arenques, gerando gordura com a fartura sazonal. E aqui, a menos de duas horas de viagem de uma das maiores cidades da América, estes animais gigantes — «as mais brincalhonas e alegres de todas as baleias» — divertem-se, «criando, em geral, mais espuma e água branca do que qualquer outra». Até os seus caçadores reconheceram este carácter brincalhão na alcunha que conferiram à baleia-corcunda: *the merry whale*, a baleia alegre, embora o seu nome científico dificilmente possa ser considerado menos glamoroso: *Megaptera novaeangliae*, ou seja, «baleia de grandes asas da Nova Inglaterra», anjo coberto de perceves.



Lançando para o ar cinquenta toneladas de gordura, carne e osso, o leviatã deixa o seu domínio, e as suas barbatanas de quatro metros e meio parecem asas rugosas e a ponta da sua cauda, com uma largura que corresponde a três vezes a altura de um homem, quase perde todo o contacto com a água.

Vista na câmara lenta da recordação — a imagem que deixa na nossa mente —, uma baleia que salta parece estar a tentar escapar ao seu ambiente, o elemento que ao mesmo tempo que lhe permite romper a sua superfície a puxa de novo para baixo. Ninguém sabe porque é que as baleias saltam. Quase todas as espécies o fazem — do golfinho mais pequeno à maior baleia-azul —, cada um no seu estilo: saltos para trás, chapés de barriga, mergulhos hesitantes ou verdadeiros mortais. Podem estar apenas a tentar desalojar os parasitas — a força exercida é suficiente para que as baleias que saltam percam pedaços de pele, amostras que podem ser convenientemente recolhidas para a realização de testes genéticos. Ninguém sabe quando irão saltar, embora, quando o fazem, o façam repetidamente, muitas vezes quando se levanta vento, como se, qual Mary Poppins cetácea, uma mudança no tempo invocasse o seu surgimento mágico. Um cientista argumenta que os ginastas poderão considerar «mais agradável ou satisfatório, ou menos doloroso deixar cair o corpo na água dura do que na água mole».

É provável que as suas acrobacias aéreas sejam uma forma enérgica de comunicação — anúncios de poder e de presença física, dizendo a outras baleias «Aqui estou» e «Não sou magnífica?» Contudo, quando vemos uma baleia a saltar da água como um pinguim gigante, a primeira coisa que nos ocorre é que parece *divertido*. O facto de as crias e os jovens machos serem mais dados a estes saltos reforça essa ideia. As baleias podem estar apenas a brincar, como os rapazes que mergulham de Macmillan Wharf em Provincetown, colocando uma confiança implícita na sua imortalidade enquanto se lançam de um meio para o outro. Ou talvez tenham pena da nossa escravização à gravidade, permitindo-nos um vislumbre da sua verdadeira natureza, erguendo-se do oceano para revelar a sua majestade.

Ver as baleias em estado selvagem pareceu converter-me de novo num rapazinho. Lembrei-me do que é que me tinha fascinado nestes animais extravagantes: a sua simples variedade, as suas formas e tamanhos loucamente diferentes; um conjunto que daria prazer coleccionar como os cromos que eram oferecidos com as pastilhas elásticas, um catálogo de

complexidade e cor: do mais pequeno boto-comum às grandes *rosquais* — palavra do escandinavo usada para designar junco ou baleia com pregas, uma referência às suas barrigas caneladas — e o misterioso cachalote, cujo minúsculo modelo tinha encontrado na caixa de brinquedos da minha irmã, ainda empoleirado na sua onda de plástico. Era como se o mundo aquático que eu temia tivesse sido repovoado com criaturas amigáveis, uma tribo internacional de viajantes globais, tão discretos e variados como pássaros, mas todos de um mesmo tipo. Era isso que eu achava tão apelativo: a sua completude, por oposição à nossa separação, ainda que todos sejamos mamíferos. Eles são um conjunto organizado; nós estamos em desordem.

Os cetáceos — do grego *ketos*, que designa monstro marinho — compõem-se ordeiramente em duas subordens. Os odontocetos com dentes — setenta e uma espécies de botos, golfinhos do mar e do oceano, baleias-de-bico, orcas e cachalotes — alimentam-se de peixes e lulas. Os mysticetos ou baleias-de-barbas — dos quais existem cerca de catorze espécies — filtram a sua dieta de plâncton e peixes mais pequenos através das barbas.

A natureza bizarra das barbas parece sublinhar a estranheza da baleia — uma estranheza que tem início no útero. Embora os fetos dos mysticetos tenham dentes em formação, estes são reabsorvidos pelos maxilares antes do nascimento, sendo substituídos por uma proteína fibrosa chamada queratina, o mesmo material que compõe as unhas dos seres humanos. Estas longas tiras planas formam placas maleáveis que correm ao longo das gengivas em forma de ferradura, curvando-se suavemente para fora. Estão



sempre a crescer e são desfiadas nas pontas pelos movimentos constantes da língua do animal. Engolindo piscinas inteiras de água — com tanta voracidade que chegam a desarticular as mandíbulas para maximizar a sua capacidade de ingestão —, as baleias-de-barbas expandem as pregas ventrais das suas barrigas, contraindo-as em seguida para expelir a água em excesso e prender o alimento nas barbas.

As baleias-de-dentes perseguem a sua caça através do oceano, um peixe de cada vez. As baleias-de-barbas são animais de pasto que engolem enormes quantidades em simultâneo, de arenques a enguias, passando pelo minúsculo zooplâncton que vagueia pelos mares como um pó animado. Aqui, nas águas férteis de Cape Cod reinam os misticeiros: da esquiva e relativamente pequena baleia de Minke à espectacular baleia-de-bossa, passando pela rechonchuda baleia-franca e pela esguia baleia-comum — o segundo maior animal do mundo, conhecido como o galgo dos mares, capaz de atingir vinte nós ou mais.

Depois da baleia-azul, a baleia-comum, *Balaenoptera physalus*, é também o animal mais ruidoso; e como o som viaja mais longe e mais depressa através da água, uma baleia-comum americana (se estivesse preocupada com coisas como a nacionalidade) poderia ser ouvida pela sua congénere europeia do outro lado do Atlântico. O seu grito de acasalamento é registado abaixo do nível mais baixo da audição humana; quando pela primeira vez foi detectado pelos cientistas, estes acharam que se tratava do som do fundo do oceano a ranger. E dentro de poucos segundos, esta criatura imensa — maior do que qualquer dinossáurio — passará por baixo de mim. Baixando o focinho largo e espalmado, a baleia mergulha sob o casco num movimento imperceptível, como que impulsionada por um motor invisível e silencioso.

Uma pessoa encontra-se cem metros acima da cobertura silenciosa [...] enquanto lá em baixo, por assim dizer, por baixo dos pés do gajeiro, desfilam os maiores monstros marinhos, tal como outrora navegavam os navios entre as botas do famoso Colosso de Rodes.

«A Ponta do Mastro», *Moby Dick*

Nesse movimento único, toda a minha presença fica diminuída. Sinto, mais do que vejo, o animal de 24 metros a nadar por baixo de mim. Saber que ele lá está aperta-me o estômago e algo dentro de mim faz com que queira mergulhar e nadar com ele até às insondáveis profundezas onde nunca ninguém nos encontrará.

A baleia-comum termina a sua manobra, emergindo do lado de bombordo para respirar; ao contrário dos seres humanos, as baleias têm de tomar uma decisão consciente para respirar, caso contrário os seus mergulhos seriam impossíveis. Com a força dos pulmões enormes, expele o ar gasto com o som pneumático de um dedo sobre uma bomba de bicicleta. Trata-se de uma exalação profunda, mais do que de uma libertação de água do mar; uma condensação visível, como a respiração humana numa manhã fria.

Das narinas com válvulas, como as de um órgão, a baleia lança mais de trezentos e setenta e oito litros de ar por segundo, cada descarga enublada gerando o seu próprio arco-íris sob o Sol; depois repete o processo, uma e outra vez, carregando o corpo de oxigénio até este estar pronto para mergulhar de novo, um acto de transformação interna. Colapsando os pulmões — um muco especial impede que os órgãos se colem — e dobrando as costelas para dentro ao longo de juntas existentes nas partes laterais do corpo, todo o ar que resta é impelido para «espaços mortos» dentro do crânio da baleia. Esta técnica, bem como a falta de nitrogénio na sua corrente sanguínea e de ar nos seus ossos, impede que o animal sofra com a descompressão. Mais subtil do que qualquer submarino, a baleia é um milagre de engenharia marinha.

Com um último *whoosh* oclusivo, ao encher os pulmões, a baleia-comum expele uma mistura de ar e água salgada e um pouco de mucosidade de baleia, e os seus espiráculos brilhantes fecham-se, estanques, para preparar o mergulho. A espuma bate-me no rosto como um pulverizador com cheiro a peixe. Já respiraram para cima de mim e parece um baptismo.



É difícil não abordar as baleias em termos românticos. Já vi homens adultos a chorar ao verem a sua primeira baleia. E embora seja um erro antropomorfizar animais apenas porque são grandes ou pequenos, fofos ou espertos, é humano fazê-lo, porque nós somos humanos e eles não. No entanto, por vezes, é a única forma de os conseguirmos compreender.

Nada mais representa a vida numa tal escala. Ver uma baleia não é como ver um pardal numa árvore da cidade ou um gato a atravessar a rua; nem sequer se assemelha a ver uma girafa de olhos lânguidos a preguiçar elegantemente na poeirenta estepe africana. As baleias existem para lá do que é normal, para lá do que esperamos ver nas nossas vidas quotidianas. Assemelham-se mais a acidentes geográficos do que a animais; se não se movessem até seria difícil acreditar que estão vivos. Devido ao seu tamanho — e à sua própria construção — são os antídotos às nossas banais vidas vividas em cidades sem encanto. Talvez seja por isso que me afectaram tanto quando as vi nesta altura da minha vida: eu estava pronto para testemunhar as baleias, para as ver. Eu tinha vindo procurar qualquer coisa e tinha-a descoberto.

Ali estava um animal próximo de mim enquanto criatura viva — também ele um mamífero, com coração e pulmões semelhantes aos meus —, mas que, ao mesmo tempo, possuía um carácter físico sobrenatural. As baleias são os marcadores visíveis da vida oceânica que não nos é concedida ver; sem eles, o mar até podia estar vazio. No entanto, são absolutamente mutáveis e oníricos, porque existem num outro mundo, porque parecem aquilo que sentimos quando flutuamos nos nossos sonhos. Talvez, sem as nossas projecções, não fossem mais do que uma outra espécie, uma outra criação de Deus (embora, claro, alguns possam afirmar que isso não é mais do que uma outra projecção). Não obstante, imbuímos as baleias da improbabilidade da sua existência continuada e da nossa. Somos seres terrestres, confinados à terra, dependentes de sentidos limitados. As baleias desafiam a gravidade, ocupam outras dimensões; vivem num meio que nos esmagaria e que excede consideravelmente a nossa influência terrena. São extraterrestres classificados por Lineu seguindo campos magnéticos invisíveis, vendo através do som e ouvindo através dos seus corpos, movendo-se através de um mundo sobre o qual pouco ou nada sabemos. São animais nascidos antes da Queda do Homem, sem pecado.

Por outro lado, também têm mau hálito e defecam uma água avermelhada. Comem de dia e de noite, sem distinção. São animais de dimensões

gigantescas, uma «megafauna carismática» na expressão depreciativa dos zoólogos. Não podem, como na velha piada, ser pesados numa estação de pesagem para baleias⁹, embora outrora tenham sido colocados aos pedaços sobre balanças, como pernas de borrego. Fora do seu elemento, colapsam sob o seu próprio peso, não possuindo membros em que se apoiar, pateticamente incapazes de qualquer sentido de autopreservação, apesar do seu tamanho desmedido, ou devido a ele. (Depressa se esgotam os superlativos, quando escrevemos sobre baleias.) Não obstante toda a sua realidade física, não são possíveis de abranger ou sequer de descrever facilmente. Podemos erguer-nos em reverência e vasculhar as suas carcaças, mas, no final, tudo o que resta para satisfazer a nossa curiosidade são ossos que poucas pistas nos dão quanto à verdadeira forma dos seus donos vivos.

As baleias já existiam antes do homem, mas só há duas ou três gerações é que verdadeiramente as conhecemos: até à invenção da fotografia subaquática, quase não tínhamos noção do seu aspecto. Só depois de termos visto a Terra a partir de satélites espaciais na sua órbita é que foram tiradas as primeiras fotografias subaquáticas de baleias a nadar livremente. A primeira filmagem subaquática de cachalotes, junto à costa do Sri Lanka, foi realizada apenas em 1984; as nossas imagens destas criaturas, enormes e plácidas, a deslizar graciosa e silenciosamente através do oceano são mais recentes do que a utilização de computadores pessoais. Ficámos a conhecer o aspecto do mundo, antes de conhecermos o aspecto das baleias. Ainda hoje existem baleias-de-bico, ou zifídeos, conhecidas apenas através dos ossos que dão à costa em praias remotas — animais esotéricos, de águas profundas, que os biólogos nunca viram, vivos ou mortos, tão pouco estudados que o seu estatuto é classificado com DD (*data deficient*), «sem dados suficientes». No século XXI, continuam a ser identificados novos cetáceos e seria bom que nos recordássemos que o mundo inclui animais maiores do que nós, que ainda não vimos; que nem tudo está catalogado, reivindicado e digitalizado; que nos oceanos nadam grandes baleias que ainda não foram baptizadas pelo homem.

Em Dezembro de 2004, o *New York Times* dava notícia da publicação de um obscuro trabalho científico. *Twelve Years of Tracking 52-Hz Whale Calls from a Unique Source in the North Pacific* foi o resultado da investigação de uma baleia que viajava da Califórnia para as ilhas Aleutas, junto ao Alasca, «chamando com uma voz diferente da de qualquer outra baleia e não obtendo resposta alguma».

Nenhuma outra criatura faz parte do imaginário do Homem de forma tão profunda e duradoura como a baleia. Animais misteriosos e livres que sulcam a seu bel-prazer os oceanos que nos rodeiam, seres do abismo que inspiraram lendas, terror, cobiça e admiração, fonte inesgotável de matérias-primas, de riqueza e símbolo arcano de poder, as baleias estão presentes na literatura sacra, épica, romanesca, do Livro de Jonas ao *Leviatã* de Hobbes, de *Pinóquio* a *Moby Dick*, povoando os nossos sonhos de infinito e os nossos mais ancestrais medos.

Partindo de relatos históricos, expedições científicas e comerciais, páginas de literatura, viagens — entre as quais aos Açores — e experiências pessoais, Philip Hoare reconstrói com mestria e entusiasmo contagiante um inteiro mundo que nos é ainda largamente desconhecido, traçando até aos dias de hoje a antiga e complexa relação do Homem com os grandes cetáceos.

Leviatã é um livro que seguramente não deixará nenhum leitor indiferente, uma narrativa que conjuga história, literatura e ciência, faz apelo à aventura, convida à viagem, à reflexão, e, acima de tudo, comove.

«Este livro, quase sempre iluminante, provoca no leitor uma tal felicidade que seguramente até o próprio Melville o teria apreciado.»

The Independent

«Philip Hoare aprendeu com Chatwin e Sebald a liberdade suprema da escrita.»

Antonio Muñoz Molina

ISBN 978-989-623-214-6
9789896232146



cavalo de ferro